

## A TEORIA HISTÓRICO-CRÍTICA NA PERSPECTIVA DO LIVRO DIDÁTICO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

## THE CRITICAL HISTORICAL THEORY IN THE PERSPECTIVE OF THE DIDACTIC BOOKS OF LITERACY AND LETTERING OF THE FIRST YEAR OF FUNDAMENTAL EDUCATION

Sara Cabral de Mattos<sup>1</sup>

Samira Casagrande<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo apresenta como objetivo geral problematizar o livro didático “Ápis Alfabetização e Letramento”, das autoras Ana Trinconi, Terezinha Berti e Vera Marchezi (2016), adotado pelas professoras do primeiro ano no município de Criciúma, em uma perspectiva crítica de educação. O livro didático, muitas vezes, é utilizado como único recurso de ensino, contrariando o que diz a Base Nacional Comum Curricular, que recomenda que a utilização deste seja como fonte de conhecimento para outras práticas pedagógicas. Como arcabouço teórico este artigo apresenta um estudo sobre as teorias pedagógicas no Brasil, os documentos filosóficos e metodológicos norteadores do estado e município e, por último, uma análise sobre o uso do livro didático para o processo de ensino-aprendizagem do professor/aluno. Tendo como base estes referenciais, foi realizada uma análise documental do livro didático à luz das teorias críticas, o que oportunizou refletir também sobre o planejamento do professor. Os resultados apresentaram elementos positivos, mas que ainda precisam ser aprofundados para uma prática de ensino em uma teoria crítica de educação. Assim, espera-se que o professor, apesar dos avanços metodológicos do livro didático, assumo seu papel de protagonista e o livro como coadjuvante da sua aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria crítica, ensino, livro didático, reflexão dos conteúdos

**ABSTRACT:** The article presents as a general objective to problematize the textbook "Ápis Alfabetização e Letramento", written by Ana Trinconi, Terezinha Berti and Vera Marchezi (2016), adopted by the teachers of the first year in the municipality of Criciúma/SC, in a critical educational perspective. The textbook is often used as the only teaching resource, contrary to what the National Curricular Common Base says, which recommends that its use be as a source of knowledge for other pedagogical practices. As a theoretical framework this

<sup>1</sup> Acadêmica formanda do Curso de Pedagogia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. E-mail: sara\_cabral\_jagua@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. E-mail: sca@unesc.net

article presents a study on pedagogical theories in Brazil, the philosophical and theoretical documents guiding the state and municipality and, finally, an analysis on the use of textbooks for the teacher-student teaching-learning process. Based on these references, a documentary analysis of the textbook was carried out in the light of critical theories, which also allowed to reflect on the teacher's planning. The results presented positive elements, but they still need to be deepened for a teaching practice in a critical theory of education. Thus, it is expected that the teacher, despite the methodological advances of the textbook, assumes his role as protagonist and the book as an adjunct to his class.

**KEYWORDS:** Critical theory, teaching, textbook, reflection of contents.

## 1 INTRODUÇÃO

O livro didático é um assunto muito discutido no âmbito escolar, no que diz respeito às práticas dos professores. Percebe-se que este está sempre ligado a alguma teoria pedagógica, e que muitas vezes não corresponde com as práticas pedagógicas trabalhadas. Ora estima-se que o livro didático está além, ora aquém das atividades docentes.

O tema dá ênfase à teoria histórico-crítica, e por meio dela se constituem subsídios para as práticas didáticas no ambiente escolar. Percebe-se que muitas vezes o professor utiliza-se de um único recurso pedagógico sem refletir sobre as propostas de ensino que norteiam o livro base de seu planejamento de ensino.

A problemática deste trabalho é: o livro didático *Ápis Alfabetização e Letramento*, de Ana Trinconi, Terezinha Berti e Vera Marchezi (2016), utilizado na rede municipal de primeiro ano do ensino fundamental de Criciúma, apresenta uma proposta crítica, como sugerem as Propostas Curriculares de Santa Catarina e de Criciúma?

O objetivo geral desta pesquisa é problematizar se o livro didático *Ápis Alfabetização e Letramento*, de Ana Trinconi, Terezinha Berti e Vera Marchezi (2016), utilizado na rede municipal de primeiro ano do ensino fundamental de Criciúma, apresenta uma proposta crítica. Enquanto os objetivos específicos são: extrair por meio da literatura o referencial teórico que estabeleça as diferenças entre as teorias pedagógicas; verificar se as Propostas Curriculares de Santa Catarina e Criciúma assumem uma proposta crítica de educação e refletir sobre a importância do uso do livro didático.

É importante destacar que não se tem a pretensão de julgar se o livro didático em questão é bom ou ruim para as práticas pedagógicas, mas sim propiciar uma reflexão ao leitor,

sobre este recurso utilizado pelos professores, que os tornam meros coadjuvantes e não protagonistas de sua atividade docente.

O estudo foi organizado em quatro capítulos: Teorias pedagógicas: um mapa histórico da educação no Brasil; As propostas curriculares: para onde caminha a educação; O livro didático: protagonistas ou coadjuvantes no processo de ensino e aprendizagem e por fim a Metodologia, análise e conclusão da pesquisa.

## **2 TEORIAS PEDAGÓGICAS: UM MAPA HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL**

A prática do professor no âmbito escolar está conectada a questões sociais e políticas que envolvem ações do mesmo na mediação dos conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados.

Saviani (2012), ao aprofundar seus estudos sobre as diferentes teorias educacionais, discute em sua obra “Escola e Democracia”, sobre as teorias pedagógicas e os motivos da marginalização que a escola pode estar causando no aluno, quais sejam: o desinteresse em aprender, o analfabetismo e as causas da evasão escolar.

Assim ele define as teorias em dois grupos que sustentam estas questões: a primeira teoria não-crítica, considerada como equalização social e de superação da marginalidade, podendo ser considerada como uma falsa igualdade social.

Ressalta Saviani (2012) que no primeiro grupo tem como integrante a pedagogia Tradicional, que surge a partir do século XIX onde a educação teve ascensão por parte do estado, pois afirma-se que “a educação é direito de todos e dever do Estado.” (SAVIANI, 2012, p.5).

Desta forma o estado discutia as práticas pedagógicas, para suprir seus interesses políticos a partir da educação, e o professor tem poder central no ensino, enfatizando a memorização de conteúdo para o processo de aquisição da aprendizagem.

Discutindo as ideias educacionais, surge da teoria Tradicional a Pedagogia Nova a partir do século XX, quando o processo histórico na educação brasileira vivia em transformações sociais, no setor industrial, político e econômico e que teve como ponto de partida discutir as

questões presentes na pedagogia tradicional, buscando por meio da educação auxílio aos marginalizados.

Saviani (2013), explica que não se pode apenas discutir sobre as questões de classe, étnico raciais e religiosas, para justificar a marginalidade, mas também deve-se discutir o intelecto.

Nesta pedagogia o autor dá ênfase não apenas as diferenças sociais, mas busca dar relevância a capacidade cognitiva dos indivíduos enquanto parte da sociedade, pois os indivíduos aprendem a partir do envolvimento no seu meio social.

Ao final dos anos 60 surgiu a teoria Tecnicista que para Saviani (2012) constitui-se por meio de pressupostos da eficiência e produtividade, e a educação, assume um modelo fabril em que os educandos são preparados para o trabalho operacional. O ensino nesta proposta é fragmentado e o aluno aprende por meio de manuais de instrução de forma sistematizada, organizada, planejada, diminuindo assim, qualquer interferência subjetiva. Noutras palavras, o aluno e o professor assumem um papel de meros coadjuvantes do processo de ensino-aprendizagem.

É importante destacar que o autor dá relevância ao problema da marginalização social, e na perspectiva de uma educação técnica ele cita que “[...] A educação estará contribuindo para superar o problema da marginalização na medida em que formar indivíduos eficientes, isto é, aptos a dar uma parcela de contribuição para o aumento da produtividade da sociedade[...].” (SAVIANI, 2012, p.13). Salienta o autor que a concepção técnica ameniza o problema social, mas todo o processo de aprender é limitado favorecendo o sistema capitalista, que impõe novos modelos de relações sociais.

Para explicar o segundo grupo de teorias crítico reprodutivista, Saviani (2012) parte da ideia que a sociedade é dividida por classes sociais, e que as discussões decorrentes das desigualdades são fruto da própria construção social.

Saviani (2012) ressalta que as teorias reprodutivistas visa fortalecer a reprodução da própria sociedade culturalmente, onde não há a reflexão perante as ações por parte da sociedade, podemos dizer que nesta perspectiva afirma-se a marginalização e, sendo, assim no campo educacional não ocorre a compreensão do indivíduo, mas a classificação de classes.

O segundo grupo parte da teoria do sistema de ensino como Violência Simbólica, esta teoria tem como objetivo reproduzir e reforçar as desigualdades social, interiorizando nos indivíduos a cultura dominante.

Saviani (2012) explica que a violência simbólica se apresenta como “formação de opinião pública pelos meios de comunicação de massa; pregação religiosa; atividade artística e literária; propaganda e moda; educação familiar etc.” (SAVIANI, 2012, p.18). Para o autor a cultura dominante é a soberania perante os marginalizados, por suas questões sociais políticas e econômicas, portanto, contribui para os padrões constituídos pela sociedade e não liberta os menos favorecidos.

Segundo Saviani (2012) nos estudos de Althusser que nos traz a teoria de estar a serviço e a favor do estado, denominada teoria da Escola como Aparelho Ideológico de Estado. O autor ressalta que os indivíduos menos favorecidos são considerados classe dominada pelo estado a favor do capitalismo, assim o estado possui segurança sobre seus interesses políticos.

Afirma o autor que “[...] o fenômeno da marginalidade inscreve-se no próprio seio das relações de produção capitalista que se funda na expropriação dos trabalhadores pelos capitalistas. Marginalizada, é, pois, a classe trabalhadora ” (SAVIANI, 2012, p.23). Desta forma a reprodução da sociedade é assegurar o lugar do estado perante os indivíduos menos favorecidos.

Seguindo as ideias de reforçar os padrões sociais apresentamos a teoria da Escola Dualista baseada em Baudelot e Etablet no qual Saviani (2012) justifica a organização da burguesia e proletariado. Salienta o autor que a educação nesta perspectiva tem como objetivo reafirmar esta divisão social de trabalho e intelecto para sustentação do sistema capitalista.

Assim o autor contesta que “[...]o papel da escola é, então, o de simplesmente reforçar e legitimar a marginalidade [...] a escola tem por missão impedir o desenvolvimento da ideologia do proletariado e a luta revolucionária. [...]” (SAVIANI, 2012, p.27). Deste modo o âmbito educacional não há nenhuma reflexão perante a marginalidade, mas sim, a luta de evitar a igualdades entre os indivíduos no seu meio social.

## 2.1 A teoria crítica e a concepção histórico-cultural

A teoria crítica está relacionada às práticas dos professores e a realidade social, onde se desenvolve uma reflexão sobre a própria realidade, e posterior a uma ação transformadora. Surgiu nos meados dos anos 90, quando as discussões no âmbito educacional foram pautadas nas ideias de Saviani.

Saviani (1991) teve como base de estudos filosóficos os pensamentos de Karl Marx, que traz a ideia de leitura de mundo pelo homem e pela matéria, definida como materialismo histórico-dialético, interpretado como visões sociais do indivíduo pela sua própria realidade.

O autor afirma que

Pedagogia Histórico-Crítica é o empenho em compreender a questão educacional a partir do desenvolvimento histórico objetivo. Portanto, a concepção pressuposta nesta visão da Pedagogia Histórico-Crítica é o materialismo histórico, ou seja, a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana (SAVIANI, 1991, p. 91).

Dessa forma, podemos compreender a educação ao longo de sua trajetória a partir da base do materialismo histórico e seu processo a partir das condições sociais dos indivíduos, que em seu meio são construtores das suas próprias ações perante a humanidade.

Saviani (1991) salienta que a pedagogia histórico-crítica busca instigar o conhecimento prévio de seus alunos perante os conteúdos a serem trabalhados, para que possa ampliar o processo de aprender de seus educandos. O autor cita que a necessidade para um processo de ensinar e aprender eficaz é “[...] avançar no sentido de capturar a natureza específica da educação [...]” (SAVIANI, 1991, p. 31).

É importante destacar que a teoria histórico-crítica é construída através do desenvolvimento entre os seres humanos, em suas ações sociais e políticas, e no âmbito educacional o aprendizado acontece pelo processo intenso da ação do aprendente com o conhecimento. É possível pensar que professor e aluno são portadores e produtores de conhecimentos que devem ser socializados de forma que se libertem do pensamento de senso comum e torne-se conhecimento epistemologicamente científico.

Os pressupostos filosóficos de Saviani (1991) apresentam a psicologia histórico-cultural pautada nos estudos de Vygotsky, que teve como reflexão “[...] a compreensão da natureza do comportamento humano, enquanto parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie” (REGO, 1995, p. 99). Destacamos que nesta proposta os seres humanos aprendem a partir de sua realidade, cultura e história com base na ideia marxista.

Para compreender o processo de apropriação da aprendizagem, Rego (1995) traz a ideia de Vygotsky que o ser humano aprende a partir do meio onde está inserido, sendo assim também o indivíduo se apropria do conhecimento pela interação no ambiente. Nesta perspectiva é importante destacar que a linguagem e o pensamento estão conectados. Vygotsky compreende que o educador deve avaliar o processo contínuo da apropriação do conhecimento e não apenas o que o aluno já se apropriou do que foi experimentado a ele.

Oliveira (1993) ressalta que o desenvolvimento da aprendizagem parte da interação que é troca de conhecimento pelo meio social, e nela se promovem as ideias para propor enquanto educador em relação ao coletivo. Dessa forma consideramos que a interação ocorre por meio da linguagem do indivíduo ao meio coletivo. Partindo das ideias que ocorrem na interação acontece a intervenção do professor pelas interações conceituadas como mediação.

A autora enfatiza que Vygotsky utiliza-se da mediação como forma de conduzir a linguagem dos conteúdos na troca de experiências entre educador e educando, assim considera-se como intervenção do educador para o incentivo aos alunos perante o conteúdo a ser trabalhado. Assim, consideramos que quando ocorre o processo de reflexão pela mediação do professor, o aluno através da internalização apropria-se do conhecimento. Oliveira (1993) afirma que a internalização para Vygotsky seria como se :

[...] ao longo de seu desenvolvimento, o indivíduo “tomasse posse” das formas de comportamento fornecidas pela cultura, num processo em que as atividades externas e funções interpessoais transformam-se em atividades internas, intrapsicológicas (OLIVEIRA, 1993, p. 38).

Podemos dizer que a aprendizagem ocorre por meio destes processos através das singularidades dos indivíduos que ao mesmo tempo são plurais, porque são constituídos de uma relação dialética que se interrelacionam com seus pares.

Sendo assim, a psicologia histórico cultural aplica-se no desenvolvimento do indivíduo enquanto participante das ações construídas socialmente, por meio de trocas de experiências entre todos com a intervenção do outro para que ocorra a apropriação do conhecimento.

Portanto, a teoria histórico crítica tem como função diante da educação problematizar a realidade em que vivemos, trazendo para a sala de aula questões sociais que por meio da mediação e a troca de conhecimento entre professor e aluno, favorecendo por meio dos conteúdos a reflexão social e a apropriação do conhecimento científico.

Assim consideramos que a pedagogia histórica crítica propõe em sua teoria vincular a realidade social, política e economia a partir das práticas didáticas tendo como base o materialismo histórico dialético e a psicologia histórico cultural. Ao compreender esse conceito, é importante destacar que a escola supere a condição de reprodutivista e assume o papel de transformadora da sociedade. Isso significa dizer que o professor e aluno são protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

### **3. PROPOSTAS CURRICULARES: para onde caminha a educação**

As propostas curriculares da rede pública de ensino, que fundamentam as práticas pedagógicas dos professores, foram elaboradas e discutidas com eles, nas diferentes áreas do conhecimento. O objetivo da elaboração deste documento, é o de garantir uma educação de qualidade que viabilize a inserção das crianças e jovens no contexto social na qual estão inseridos e, que possam assim, exercer plenamente sua cidadania.

Com a preocupação de garantir uma educação de qualidade as propostas tendem a orientar os educadores a partir de subsídios teóricos que ampliem o currículo e as práticas pedagógicas, para que assim ocorra uma aprendizagem mais efetiva dos educandos.

Desta forma as propostas curriculares preocuparam-se em subsidiar teoricamente o professor, para que este possa possibilitar a partir do currículo à igualdade no processo de aprendizagem vivenciado pelo aluno. Sendo assim a proposta curricular de Santa Catarina afirma que.



[...] é preciso que os envolvidos no processo de elaboração dos projetos pedagógicos das escolas, ao refletirem a organização curricular que desejam, delineiem não só nos conceitos a serem contemplados nas atividades de ensino e educação, como também as estratégias para a sua apropriação e as que viabilizem o direito a igualdade e condições de acesso ao conhecimento e permanência para todos os sujeitos na escola. (SANTA CATARINA, 2014, p. 31).

Portanto, as reflexões sobre o currículo buscam auxiliar os educadores, em função de suas práticas didáticas, agregarem em seus planejamentos estratégias que oportunizem o processo de ensino aprendizagem a todos que frequentam a Educação Básica, buscando evitar as desigualdades e a evasão escolar.

Por sua vez, a proposta de Santa Catarina utiliza-se de embasamentos voltados na ideia histórico cultural, no qual enfatiza o processo de apropriação do conhecimento por meio da mediação e as singularidades dos educandos. A preocupação de vivenciar essas relações tem como objetivo “[...] considerar e reconhecer o ser humano como sujeito que produz por meio do trabalho as condições de (re) produção da vida. [...]” (SANTA CATARINA, 2014, p.26). Neste documento estadual, podemos afirmar que as discussões teóricas se fazem de acordo com as ideias histórico cultural, situando ideias voltadas as questões de ensino aprendizagem.

Por outro lado, os estudos que embasaram a Proposta Curricular de Criciúma afirmam que “[...] o homem constitui-se como sujeito na sua relação com o mundo. ” (CRICIÚMA, 2008, p. 9). Nesta perspectiva o homem produz o conhecimento como parte ativa no mundo, desta forma considera-se de acordo com as ideias de Vygotsky e Marx que buscam por meio de reflexões compreender sua própria realidade.

Sendo assim, o processo de produção do conhecimento sobre a Proposta Curricular de Santa Catarina ressalta nos pressupostos de Vygotsky que a cultura é a parte essencial para o processo de apropriação, portanto afirma-se que “[...] é por meio da apropriação cultural, mediada pela linguagem em suas diferentes formas, que os sujeitos em sua singularidade se humanizam. ” (SANTA CATARINA, 2014, p.34). Ressalta a proposta que o processo de apropriação do conhecimento ocorre por meio de trocas de experiências coletivas e individuais de cada ser humano que fazem parte de sua cultura.

Por outro lado, a proposta Curricular de Criciúma explica que a reflexão dos conteúdos enquanto ações dos educadores é essencial para o processo de significação do conhecimento prévio dos alunos, sendo assim afirma-se que o “[...] o currículo ajuda a

ressignificar a compreensão que o sujeito tem do seu entorno, na medida em que, no trabalho com o conhecimento científico auxilia a complexificar os conceitos já adquiridos. ” (CRICIÚMA, 2008, p. 11). Desta forma considera-se necessário que o professor ao planejar suas aulas, articule os conhecimentos prévios de seus alunos com as bases teóricas, instigando-os a ampliarem seus conhecimentos. A proposta salienta que a partir dos confrontos, mediados pela dialética, entre a realidade e o conhecimento científico é que se produz um novo currículo.

Embora se compreenda que as propostas analisadas se constituem das ideias apresentadas por Vygotsky e Marx, por discutirem os pressupostos filosóficos e teóricos baseados na concepção materialista histórico dialética e histórico cultural, elas, demonstram uma confusão teórica conceitual por apontar a teoria crítica como sinônimos da concepção de aprendizagem histórico cultural. No entanto, cabe salientar que as duas propostas curriculares enfatizam a ação ativa do professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.

#### **4 LIVRO DIDÁTICO: PROTAGONISTA OU COADJUVANTE NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM**

Os livros didáticos estão presentes no cotidiano escolar e os educadores utilizam-se deste material didático para o processo de ensino aprendizagem dos educandos. Desta forma os livros contribuem para esta ação educacional.

Freitag, Costa e Motta (1989) o livro didático pode ser um auxiliar de ensino ao planejamento dos educadores. Entretanto, no âmbito educacional este material acaba sendo o único guia a ser utilizado, de forma didatizada, e não neutra, pois configura uma visão de mundo, sociedade e de homem.

Segundo Pereira (2014) os livros didáticos contribuem nas práticas pedagógicas, facilitando o trabalho dos educadores ao planejarem suas aulas em um curto espaço de tempo. Afirmar ainda que os livros oferecidos aos educadores, “Parece- tratar-se de “ato de generosidade” do autor (ou da editora) para com o professor.” (PEREIRA, 2014, p. 126). O autor ressalta que em virtude da rotina dos educadores: carga horária excessiva, deslocamentos de uma escola para outra, excesso de alunos por turma e outras, as editoras procuram facilitar os planejamentos dos professores, oferecendo um "manual" para ser seguido.

Ademais, Oliveira (1984) salienta que o livro didático é um instrumento manipulador da ideologia dominante, uma vez que o autor do livro tem a supremacia do leitor, é ele quem decide o que, como e quando ensinar.

O livro didático também é importante por seu aspecto político e cultural, na medida em que reproduz e representa valores da sociedade em relação à sua visão da ciência, da história, da interpretação dos fatos e do próprio processo de transmissão do conhecimento (OLIVEIRA, 1984, p. 11).

Ressalta o autor que os livros didáticos podem contribuir negativamente no processo de aprendizagem por se apresentar como instrumento balizador de leitura e pesquisa. Dessa maneira o professor, passa a ter uma relação de dependência do livro didático, prendendo-se aos conteúdos e metodologias sugeridas. A inovação metodológica e a participação dos alunos por meio das experiências vividas, são pouco valorizadas ou ignoradas.

Todavia Pereira (2014) ressalta que os educadores pesquisem e reflitam sobre a importância deste material, buscando adaptá-lo ao planejamento e as singularidades dos alunos para proporcionarem novas experiências de aprendizagens.

Enfatiza ainda o autor, sobre a importância de ir além do que está proposto nos livros didáticos, objetivando a ampliação do conhecimento dos educandos por meio de metodologias problematizadoras que proporcione a criticidade dos alunos.

Assim o autor destaca que o livro de didático:

[...] objetiva-se propiciar aos alunos oportunidades para ajudá-los a refletir sobre o próprio processo de construção do seu conhecimento, de modo que possam conscientizar-se das determinações históricas que permeiam sua cotidianidade. (PEREIRA, 2014, p.127).

Nesse sentido sugere-se que os educadores estejam atentos aos conteúdos presente nos livros para que possa complementar o trabalho, de maneira que possibilite a reflexão da realidade e produção de um ensino mais significativo e desafiador para os alunos.

Dentro deste contexto de análise sobre o livro didático, estão presentes os livros de língua portuguesa que propõe um ensino que pouco tem a ver com a realidade linguística da criança. Um livro ainda muito voltado ao ensino da gramática.

O ensino da língua portuguesa, consiste na construção de pensamento e comunicação, por meio de produções textuais, leitura e análise linguística em que os professores conduzem suas aulas guiadas por esses elementos teóricos e cansativos e que pouco se compreende sobre o uso e função da língua escrita, quando utilizado somente sob orientação do livro didático

No entanto, a Proposta Curricular de Criciúma (2008) destaca que através desses elementos da língua portuguesa, os educadores podem planejar suas aulas, propondo leitura de textos diferenciados trabalhando a escrita e oralidade, de modo que possam exercer plenamente sua condição de cidadão do mundo.

Ao pressupor-se que a reflexão acerca do livro didático é importante para o planejamento do professor, logo, é preciso pensar no primeiro ano do ensino fundamental, mais precisamente no processo de alfabetização e letramento dos educandos. Para isso Criciúma (2008) orienta que os educadores tendem a preparar seus planejamentos de modo que viabilize a compreensão dos sentidos da escrita e leitura, possibilitando aos alunos irem além da codificação e decodificação dos signos.

Afirma a Base Nacional Comum Curricular que a língua portuguesa procura:

[...] proporcionar às estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de formar a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeada/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2017, p. 65).

Sendo assim os educadores precisam estar atentos ao envolver os alunos por meio de atividades que proporcionem o processo de aprender, em que o conhecimento da língua portuguesa mediado pelos professores seja significativo para a apropriação do conhecimento.

Vale ressaltar que no primeiro ano acontece o processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental, portanto a Base Nacional Comum Curricular salienta que os educadores precisam valorizar a prática do planejamento em que o processo de aprendizagem seja significativo e faça sentido para o aluno. (BRASIL, 2017)

Portanto, os livros didáticos de língua portuguesa precisam propor atividades de ensino de leitura e escrita que possibilitem, por meio das estratégias de ensino: leitura de diferentes textos, atividades que levem a um pensamento lógico e sistemático, escrita de textos reais, a ampliação dos conhecimentos já apropriados e novos conhecimentos e que permitam

também, um estudo autônomo, recordando o que estudou em sala e que além disso sirva, como fonte inspiradora de práticas letradas em casa.

## 5 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Quando falamos em métodos científicos, podemos dizer que é o desenvolvimento aplicado a partir das etapas, assim os métodos passam por discussões para chegar as respostas do que se foi abordado nos objetivos da pesquisa. Cervo e Bervian (1978) citam que:

O método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado ou um resultado desejado. Nas ciências, entende-se por método o conjunto de processos que o espírito humano deve empregar na investigação e demonstração da verdade. (CERVO; BERVIAN, 1978, p.17).

Esta pesquisa foi de abordagem qualitativa, que tem como intuito salientar a importância do tema a partir das questões que nortearão o desenvolvimento deste trabalho científico, sendo, portanto, de natureza básica, porque tem o propósito de ampliar o conhecimento por meio da problematização do livro didático e as teorias educacionais.

Desta forma a pesquisa busca problematizar os livros didáticos de alfabetização e letramento do primeiro ano do ensino fundamental, utilizado na rede Municipal de Criciúma/SC, se está voltado a uma concepção de educação histórico crítica, por meio de uma pesquisa exploratória, constituindo seus procedimentos por meio de uma pesquisa documental perante ao instrumento utilizados pelos professores em sala de aula.

Assume como procedimento metodológico a pesquisa documental busca por meio do conhecimento pois, buscou-se a problematização da análise do livro didático de alfabetização e letramento de forma crítica a partir das leituras dos referencias teóricos presentes.

Ludke e André (1986) afirmam que,

[...]a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementado as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.38).

Para a compreensão do livro didático alfabetização e letramento do primeiro ano do ensino fundamental foi feita uma análise problematizadora do livro *Ápis Alfabetização e letramento* de Ana Trinconi, Terezinha Berti e Vera Marchezi (2016) que atualmente é utilizado pela rede municipal de Criciúma. O uso deste material pela rede tem validade de três anos, sendo este, o último ano de uso pelas escolas.

Como critérios para a produção dos resultados utilizou-se as categorias de análise como a estrutura do livro em geral, leitura, produção e interpretação textual, atividades que envolvam a oralidade para o processo de apropriação do conhecimento.

O documento analisado de modo geral apresenta inovações pedagógicas ao dispor sobre os conteúdos presentes no livro. O material, sugere que o professor estabeleça mediação dos conteúdos propostos em unidades temáticas significativas, não utilizando uma sequência alfabética de palavras isoladas, mas sim, o nome de pessoas e a partir desses, introduz os assuntos a serem trabalhados.

Abaixo, as figuras demonstram como as unidades temáticas são apresentadas:

Figura 1 –Apresentação da unidade



Fonte – *Ápis* (2016, p. 37)

Figura 2 –Apresentação da unidade



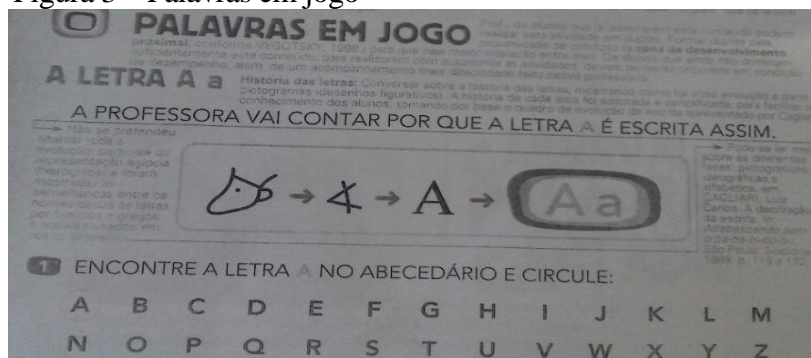
Fonte – *Ápis* (2016, p. 217)

O trabalho com o nome próprio contribui para a constituição da personalidade da criança, uma vez que marca a sua entrada em uma cultura específica, ou seja, é por meio da consciência do seu nome, que ela se relaciona com o mundo.

A proposta Curricular de Santa Catarina (2014) salienta que o processo de alfabetização para os alunos é compreendido por meio de usos sociais, que tornam significativas para o processo de ensino aprendizagem, pois é a partir de interações significativas que acontece a apropriação do conhecimento.

É importante destacar que o livro traz elementos sociais que além da identificação dos nomes próprios, propõe ainda ao leitor, atividade denominada - “Palavras em jogo”, que com a mediação do professor, proporciona aos alunos que eles conheçam numa sequência cronológica sobre a história da escrita. As atividades abaixo evidenciam essa compreensão.

Figura 3 – Palavras em jogo



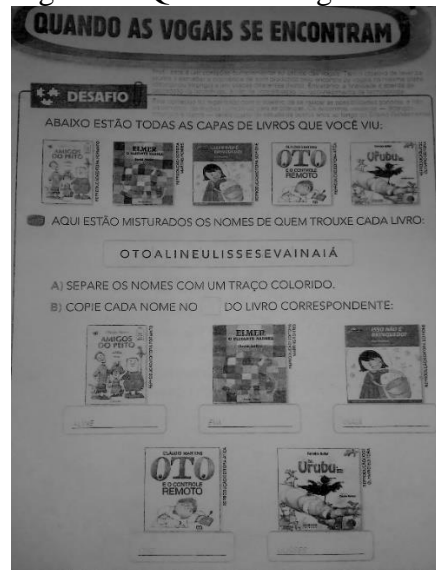
Fonte – Ápis (2016, p. 39)

Para Saviani (1991) é preciso que a mediação dos conteúdos envolva o saber empírico e científico promovendo a reflexão do conteúdo mediado com a realidade vivida, pois é a partir da discussão dos conteúdos de forma sistematizada historicamente que ocorre o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Embora o livro não trabalhe na perspectiva da sequência alfabética, as primeiras unidades tratam das representações das vogais através de leituras de imagens que retratam as iniciais das vogais por meio de capas de livros infantis. As vogais precisam ser ensinadas, para que seja possível fazer a leitura do sistema alfabético. Contudo, o livro ao apresentar esta unidade temática, restringe o ensino, a identificação das vogais. Será que os professores, ao trabalharem

com esta unidade temática, conseguem ultrapassar a proposta metodológica da mera identificação e memorização das vogais?

Figura 4 – Quando as vogais se encontram



Fonte – Ápis (2016, p. 76)

Embora, o livro traga inovações, ainda permanece resquícios de uma concepção de ensino tradicional. Por outro lado, Saviani (1991) defende o ensino que se constitui da sistematização dos conteúdos de forma crítica, propositiva e ativa, pois é a partir da mediação dos conteúdos que ocorre a apropriação dos conhecimentos. Uma vez, que o livro apresenta elementos do ensino tradicional, o educador ao mediar esses conteúdos, favorecerá este ensino, de pura memorização ou se proporá a adaptá-lo para uma perceptiva mais crítica?

Saviani (2013) define a concepção tradicional pela simples transferência de conteúdo, onde não há lugar para reflexão, discussão e diálogo dos temas a serem abordados. Nesse sentido, considera os alunos meros reprodutores da sociedade vigente. E na presente concepção presente no livro não ocorre a reflexão diante do conteúdo a serem abordados.

Nas abordagens de leituras, o material apresenta variedades de gêneros textuais como parlendas, tirinhas, notícias, bilhetes, propagandas, oportunizando um amplo leque de textos reais que se aproximam da realidade dos alunos. Em outros momentos, quando não se aproxima,



propõe o novo conteúdo utilizando atividades diversificadas para uma aprendizagem mais significativa.

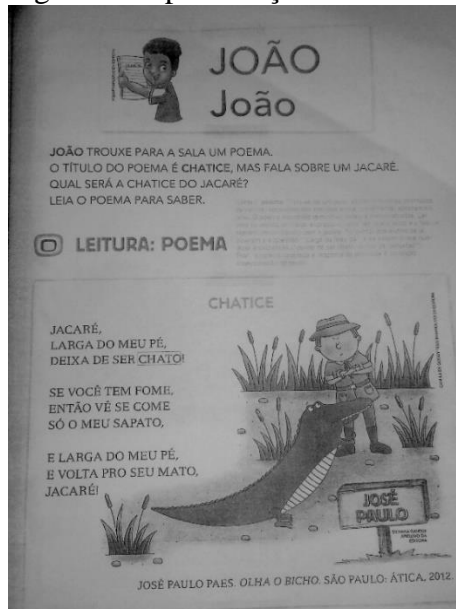
A proposta curricular de Criciúma (2008) discute que o livro didático tende a oferecer a leitura de diferentes textos, também discute a ideia que o professor deve possibilitar a leitura dos alunos em casa, para que em outras aulas haja a reflexão do material lido possa servir como elemento de discussão em sala.

A leitura faz parte da função social dos indivíduos, e o livro analisado oportuniza aos alunos variedades de textos presente ou não na sociedade dos alunos, sendo assim Saviani (1991) salienta que a ideia no qual o indivíduo por meio da reflexão faz a leitura de mundo e do conhecimento. Será que além da leitura para o processo de alfabetização o professor consegue por meio dos textos instigar seus alunos a leitura de mundo? Ao considerar o fato que os alunos tenham apenas acesso a este material de leitura, teriam eles, condições de realizar uma leitura crítica? A partir destes textos, os professores conseguiriam desenvolver a compressão leitora de seus alunos?

Na unidade de João, traz o texto “Chatice”, questiona os leitores qual será a chatice do Jacaré? O material sugere que o professor aguça a curiosidades dos alunos para que eles sintam vontade de ler. É importante destacar que o texto apresenta a palavra chato apenas uma vez, e em suas atividades de interpretação possui a questão 4 que além de circular a palavra faz com que o aluno contextualize o motivo do jacaré ser chato. A questão 5, também instiga o aluno a imaginar o motivo do título do texto. O interessante destas interações é que o livro trabalha com conversa em jogo, em que o professor pode instigar os alunos sobre a realidade e o conteúdo vivenciado.

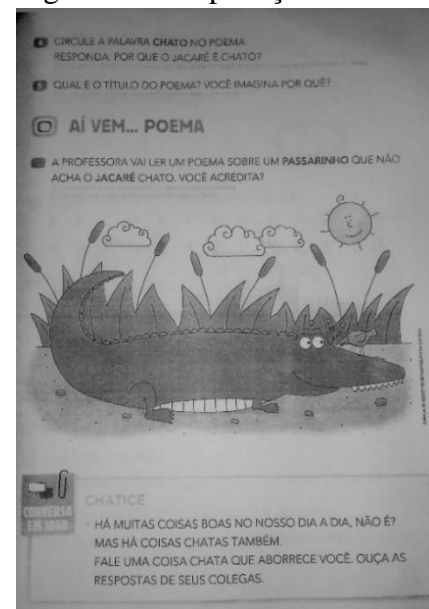
Vale lembrar que na maioria dos livros didáticos de alfabetização, "a lição do João" por exemplo, viria com um alto controle silábico do fonema "já". Nesse sentido, é que, este livro, nos parece ser de grande avanço, pois a discussão do fonema aparece só na palavra João e Jacaré.

Figura 5 – Apresentação da unidade e conteúdo



Fonte – Ápis (2016, p. 157)

Figura 6 – Interpretação do texto



Fonte - Ápis (2016, p. 159)

Segundo Rego (1995) na perspectiva de Vygotsky o desenvolvimento do aprendizado acontece por meio da socialização dos conteúdos mediatizados pelo educador, para que o aluno se aproprie do conhecimento. O livro propõe uma relação de interação entre professor e alunos, em que os questionamentos sugeridos pelo autor, oportuniza a reflexão do conhecimento empírico e científico. A pergunta a ser feita é: Será que a interação sugerida pelo livro é suficiente para aguçar os conhecimentos prévios dos alunos?

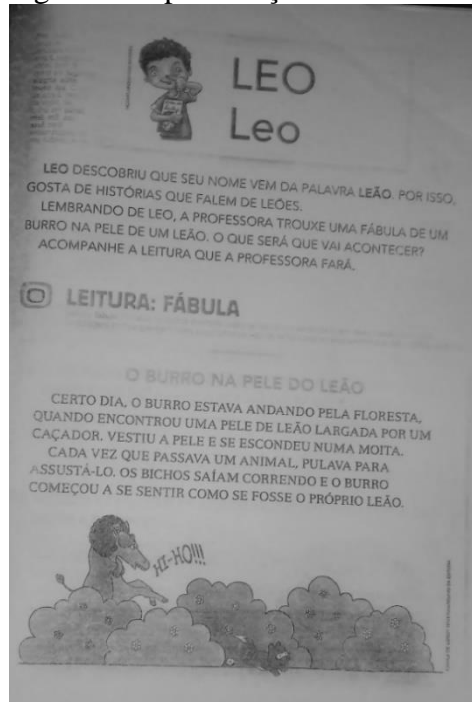
Nas relações de produções de escrita, em alguns momentos o material apresenta conteúdos fragmentados favorecendo apenas interpretações de perguntas e respostas diante do texto. Embora as produções são abordadas como verificação dos elementos nos textos, ao final do questionamento o material propõe que o aluno escreva uma história.

Oliveira (1993) destaca que o ensino precisa ativamente da mediação do educador para que o mesmo conduza a linguagem dos conteúdos de forma que promova a experiência da troca de conhecimentos incentivando assim, o interesse dos educandos aos conteúdos a serem vivenciados.

Na unidade de Léo, o livro traz a fábula “O Burro na pele do Leão” que na atividade de interpretação do texto, traz perguntas para identificação de elementos no texto. Entretanto, ao propor a produção textual, permite que os alunos produzam suas histórias a partir da leitura de

imagem. A questão que fica é: Os alunos possuem argumentos suficientes para a realização desta atividade? Ou cairão na "armadilha" de fazerem apenas uma descrição das imagens?

Figura 7 – Apresentação da unidade e conteúdo

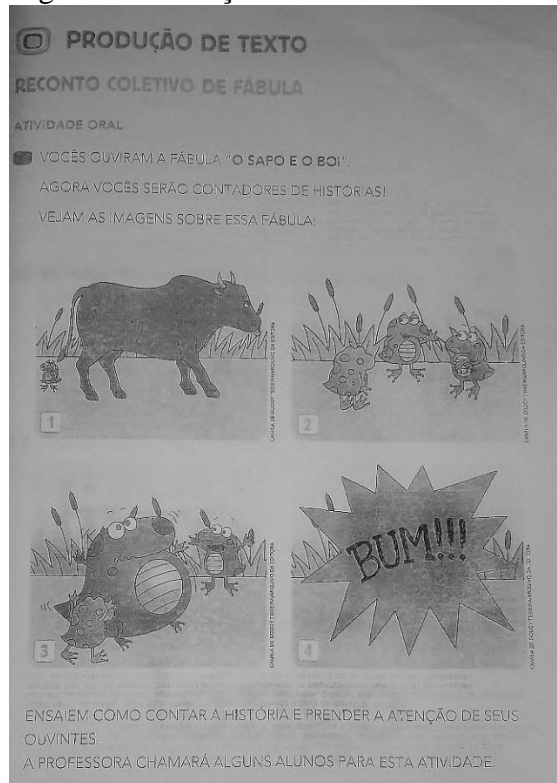


Fonte – Ápis (2016, p. 167)

Figura 8 – Interpretação de texto

Fonte – Ápis (2016, p. 168 - 169)

Figura 9 – Produção de texto



Fonte – Ápis (2016, p. 171)

Oliveira (1993) e Rego (1995) destacam que na perspectiva histórico cultural o processo de construção da aprendizagem constitui-se de um processo contínuo que possibilite a reflexão de ideias apropriadas ou não para o desenvolvimento da linguagem favorecendo a troca de experiências por meio dos conteúdos.

Com relação a oralidade o material envolve por meio da leitura e escrita elementos que possibilite o aluno o incentivo a oralidade. Isso aparece quando o livro faz com que o educador instigue por meio da “Conversa em jogo” o conhecimento empírico que eles têm sobre o assunto.

Na perspectiva histórica crítico, Oliveira (1993) corrobora com Vygotsky no que diz respeito ao processo de aprendizado, em que compreende que é por meio da mediação do educador na reflexão dos conteúdos a serem ministrados e pela participação dos indivíduos que ocorre a apropriação do conhecimento.

A Proposta Curricular de Santa Catarina e de Criciúma ressaltam que o aprender está ligado a um confronto do conhecimento empírico e científico, para isso o professor precisa

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº3, Edição Especial 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

estudar, planejar e propor práticas cotidianas que oportunizem a apropriação de conhecimento. Para Brasil (2017) os educadores precisam planejar suas aulas na perspectiva do letramento, considerando a participação ativa dos alunos permeada pela oralidade e escrita.

Atualmente há possibilidade de o livro didático ser o único utilizado pelo professor/aluno. Pereira (2014) enfatiza que o livro pode apresentar acomodação de alunos e professores por meios de conteúdos sistematizados que levem em conta a reprodução sem nenhuma reflexão ou contexto do que este material manifesta.

Entretanto Pereira (2014) ressalta que o livro como instrumento de ensino pode abordar elementos que façam a relação de aprendizagem de maneira que contribua para a reflexão do próprio processo de aprendizagem. Então, será que o livro representa elementos suficientes para a apropriação do conhecimento? Será que o professor consegue aliar o livro didático com a sua autonomia didático pedagógica, assumindo assim um papel de protagonista da sua prática?

Embora entenda-se que houve um avanço nas apresentações dos conteúdos, do livro didático, para o processo de apropriação dos conhecimentos, ainda ele traz elementos que precisam ser discutidos em uma perspectiva crítica, pois possui resquícios de uma teoria tradicional.

## 5 CONCLUSÃO

A partir das discussões apresentadas perante a análise do livro didático de alfabetização e letramento do ensino fundamental, pode-se perceber que mesmo tendo indícios de uma perspectiva tradicional o livro traz inovações didáticas e metodológicas aproximando os conteúdos de uma proposta mais crítica.

Por meio da análise pode-se perceber que o livro analisado traz, em alguns momentos, elementos que propõem a mediação do educador com o conteúdo a ser trabalhado em sala de aula. Desse modo, o livro enquanto instrumento pedagógico do professor não se torna um simples reproduzidor do conteúdo, pelo contrário, instiga a refletir com os alunos sobre os conhecimentos apontados.

Por outro lado, reconhece-se que há formação continuada para o professor discutir e refletir sobre o livro didático que irá utilizar no seu planejamento. No entanto o que se

questiona é por que ainda o livro didático ainda continua sendo o único recurso para ensinar? Ser que o professor consegue utilizar este instrumento como fonte de informação como determina as propostas curriculares e a Base Nacional Comum Curricular? E, ainda, os livros didáticos conseguem, por si só, responder àquilo que se espera deles, ou seja, ser um instrumento de mediação da transformação social? Estes questionamentos ainda deixam lacunas abertas que podem servir para outras pesquisas futuras.

A pesquisa reconhece que o livro é um material de ensino que pode sim ser utilizado, desde que o professor estude e reflita para inserir em seu planejamento, fazendo dele papel coadjuvante no processo de apropriação do conhecimento. Por isso não deve ser utilizado como único recurso para um ensino crítico como apresenta as propostas curriculares.

Assim, o livro didático precisa assumir um papel de coadjuvante do processo de ensino aprendizagem, e que o protagonismo seja marcado mediação do professor a partir dos conteúdos para que proporcione ativamente a apropriação do conhecimento científico.

## REFERÊNCIAS

BORGOTTO, Ana Maria Triconi. **Ápis: letramento e alfabetização/** Ana Maria Trinconi Borgotto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin, Vera Lúcia de Carvalho Marchezi. 2.ed. São Paulo, Ática, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base.** Brasília, MEC, 2017.

CERVO, A.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia Científica.** 2ª ed. São Paulo: Pearson, 1978.

CRICIÚMA. **Proposta Curricular de Criciúma;** currículo para a diversidade; sentidos e práticas. Criciúma, Santa Catarina, Secretaria Municipal de Educação. 2008.

FREITAG. Bárbara, MOTTA. Valéria Rodrigues, COSTA, Wanderley Ferreira. **O livro didático em questão.** São Paulo, Cortez.1989 (Coleção educação contemporânea) 159 p.

LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo. EPU, 1985.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky,** Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico. São Paulo, Scipione, 1993.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº3, Edição Especial 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

OLIVEIRA, João Batista Araujo. **A política do livro didático**. São Paulo. Ed. Unicamp. 1984.

PEREIRA, Antonio Serafim. **E por falar em Educação...** ENSINO, FORMAÇÃO E GESTÃO. Criciúma, Unesc, 2014.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky, Uma perspectiva histórico cultural da Educação**. Petrópolis, Vozes, 1995.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. **Proposta Curricular de Santa Catarina; Formação integral na Educação Básica**. Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação. 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 34. ed. rev. Campinas, São Paulo, Autores Associados, 2012. (Col. Polêmicas do Nosso Tempo; vol. 5). 94 p.

\_\_\_\_\_. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. 4ªed. Campinas, São Paulo, Autores Associados, 2013.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Histórico-crítica, primeiras aproximações**. Campinas, São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1991.

**Recebido: 08/06/2019**

**Aprovado: 01/08/2019**

**Publicado: 20/09/2019**